

SARAMAGO: MESTRE NA VIDA REAL E NA CONSTRUÇÃO ESTÉTICA

Vera Lopes da Silva¹

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais

Página | 7

Antonio Candido, em seu clássico “O direito à literatura”, faz referência ao pensamento do sociólogo francês Louis-Joseph Lebet, que distingue bens compressíveis de bens incompressíveis. Mesmo considerando a tênue linha que pode separá-los, estes são os indispensáveis. Sobre eles, considera que não abarcam apenas aqueles que asseguram a sobrevivência humana,

mas os que garantem a integridade espiritual. São incompressíveis certamente a alimentação, a moradia, o vestuário, a instrução, a saúde, a liberdade individual, o amparo da justiça pública, a resistência à opressão etc; e também o direito à crença, à opinião, ao lazer e, por que não, à arte e à literatura (CANDIDO, 2004, p. 174).

Colocar a literatura nesse bojo, ainda segundo Candido, implica associar o direito a ela à correspondente necessidade do ser humano de organizar-se em seu íntimo, a ponto de a ausência do contato com a arte verbal concorrer para o sofrimento de uma frustração mutiladora. O teórico justifica, considerando que é intrínseca a nós a entrega ao universo fabulado, uma necessidade universal que promove o equilíbrio social —por isso, a arte verbal é “fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade [...]” (CANDIDO, 2004, p. 175).

José Saramago, mestre na vida real e na construção estética, nos ensina sobre a incompressibilidade da literatura por meio do seu comportamento como homem político e escritor político.

Vejamos o ensinamento saramaguiano primeiramente a partir de sua autobiografia e também sob a orientação do Professor marxista Mauro Iasi, conforme roteiro biográfico que faz do autor português, em sua conferência “Saramago, leitor de Marx: mudar o mundo com corações que sangram”, proferida na III Jornada Saramago Vive! – Saramago, Perturbar a ordem, corrigir o destino, organizada pela PUC Minas. (SARAMAGO, LEITOR DE MARX..., 2022)

Em “Saramago, os seus nomes: um álbum autobiográfico” (SCHNETZER; VIEL, 2022), o romancista inicia assim a história de si mesmo: “Nasci numa família de camponeses sem terra, em Azinhaga, uma pequena povoação situada na província do Ribatejo, na margem

¹ Professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Coordenadora do Grupo de Pesquisa *Saramago, leitor de Marx*.

direita do rio Almonda, a uns cem quilômetros de Lisboa” (SCHNETZER; VIEL, 2022, p. 13). Essa primeira informação anuncia o homem político: ele se emoldura como pertencente a uma família de *camponeses sem terra*. A expressão denuncia o paradoxo socialmente instituído, pois, se no campo se trabalha, se ao campo se pertence, a recíproca deveria existir, o campo deveria ser também de pertencimento do trabalhador. O adjunto adnominal “sem-terra” determina a idiosincrasia incongruente.

Saramago continua seu relato, contando-nos que, ainda criança, com a mudança dos pais para Lisboa, passou a ter alterada sua relação com o campo, agora frequentado pelas visitas prolongadas à casa dos avós maternos, um vínculo que manteve aceso seu olhar para o mundo da exploração rural.

Aos 12 anos, estudante primoroso, sofre a perda dos estudos em um liceu, conforme suas palavras: “meus pais haviam chegado à conclusão de que, por falta de meios, não poderiam continuar a manter-me no liceu. A única alternativa que se apresentava seria entrar para uma escola de ensino profissional, e assim se fez: durante cinco anos aprendi o ofício de serralheiro mecânico” (SCHNETZER; VIEL, 2022, p. 14).

Essa outra informação insiste em nos orientar para a personalidade política que vai se formando em Saramago, pois sua origem de camponês sem-terra e sua experiência de estudante de liceu passado a aluno de escola profissional inserem-no em uma situação política de expropriação: uma criança da terra sem-terra; um estudante de liceu forçado a se preparar para o chão de fábrica.

Entremeada a essas experiências, esteve a experiência da leitura literária. Os livros didáticos, “pelo seu caráter “antológico”, abriram-me as portas para a fruição literária: ainda hoje posso recitar poesias aprendidas naquela época distante” (SCHNETZER; VIEL, 2022, p. 14), continua Saramago em sua autobiografia, o que nos faz pensar na importância desse material: na ausência das obras literárias em si, caso seja bem composto, o compêndio pode ser (e foi para muitas gerações também aqui no Brasil) a única fonte de contato com poemas, contos, trechos de romances... Além desse acesso via escola, ele frequentou uma biblioteca pública em Lisboa, onde o gosto pela leitura (e não só a leitura literária) se desenvolveu e se aprimorou, enquanto já exercia a profissão de serralheiro.

Reflito a respeito desse percurso para compreender o homem-escritor cujo olhar abarca os problemas da humanidade: uma pessoa que, enquanto era expropriada, e apesar de ser expropriada de sua condição intelectual, lia. Entre as leituras, a da literatura, que lhe foi elemento incompressível, porque, entre a vida e a literatura, enquanto sentia, pensava. E assim

ele foi sentindo o que é estar na circunstância de expropriado e compreendendo-a, alimentado pelas leituras realizadas. Segundo Mauro Iasi,

Foi ali que o jovem José navegou novamente para longe só que desta vez sem sair do lugar, nas asas de páginas amareladas, cheirando a ácaro e mofo, se converteu em Ícaro e voou protegendo suas frágeis asas de cera do sol inclemente da realidade no interior das paredes de tal palácio que já foi de Marquês e agora se diz público, onde se explica abrigar um menino de pais agricultores como os pais deles, que estudou e trabalhou e agora só trabalha de onde foge para amar os livros às escondidas (IASI, 2010, p. 131).²

Outros esbulhos haveriam de sofrer, como uma obra sua, de sua realização, ter seu nome alterado e assim posto no mercado por decisão do editor, passando de *A viúva* para *Terra do pecado*.

Ocorre, então, que a produção saramaguiana não se daria

sem a visão que brota dessa condição, a massa humana de muitos dos seus livros não se moveria com o mesmo fulgor e não se sentiria em muitos deles o caleidoscópio de situações, condições e sentimentos que o incessante movimento da história transporta impelido pelas ações dos homens, essa realidade onde habita o penoso, o trágico, o exaltante, o contraditório, o luminoso e o sombrio e que descreveu com a mestria dos nossos melhores (SOUZA, 2022 p. 13).

Até porque são essas experiências que o levaram a, em 1969, inscrever-se no PCP, Partido Comunista Português.

Mauro Iasi, um marxista também poeta, descreve de forma lírica o transcurso das experiências de Saramago de onde emergiu sua produção verbal:

Talvez por isso mesmo, ou porque nasceu com nome de flor silvestre que nasce em escombros, ou por serem seus pais camponeses que não tinham terra como seus avós, ou por trazer marcado no corpo a sina daqueles que trabalham para ver seu produto fugir de suas mãos, ou porque se chamava José e tinha que trabalhar e trabalhar, ou porque se parecia a Blimunda que quando não comia seu pão pela manhã podia ver dentro das pessoas, ou porque amava as palavras e os livros, e por isso as pessoas, ou porque podia construir na sua cabeça outro mundo que não este no qual flores, pessoas e livros são queimados, ou talvez por tudo isso, se tornou comunista: em 1969 entrou no Partido Comunista Português (IASI, 2010, p. 131)

Saramago se define como um comunista hormonal, o que se comprova em sua vida e obra e o que caracteriza todo o seu legado. Não é estranho, então, que Jerônimo de Souza³² crave como título da intervenção do texto na sessão cultural de apresentação do programa das Comemorações do Centenário de José Saramago, no Fórum de Lisboa

² Jerónimo Carvalho de Sousa (Pirescoxe, Loures, 13 de abril de 1947) é um operário metalúrgico, político português e deputado à Assembleia da República Portuguesa pelo Partido Comunista Português ininterruptamente desde 2002.

em outubro de 2021: “José Saramago –Escritor universal, intelectual de Abril, militante comunista” e que reconheça que sua obra: “expressão de um sensível e humano olhar sobre os problemas do homem e da humanidade, seria outra, temos isso por convicção, sem a visão do mundo que ressaltava dessa condição” (SOUZA, 2022, p. 13). A Revolução dos Cravos é, então, marca indelével na vida de Saramago. Segundo o jornalista e crítico literário Haroldo Ceravolo Sereza, construtor de abril, enquanto interveniente activo na resistência ao fascismo, ele deu continuidade a essa intervenção no período posterior ao Dia da Liberdade como protagonista do processo revolucionário que viria a transformar profunda e positivamente o nosso País com a construção de uma democracia que tinha como referência primeira a defesa dos interesses dos trabalhadores, do povo e do País (SEREZA, 2020).

Nos poemas, contos, teatro, romances, crônicas, discursos, em tudo há o marxista, e realmente seu legado se estrutura nessa disposição.

A exemplo, *Claraboia* (SARAMAGO, 2011), romance escrito em meados dos anos 50 do século XX. Trata-se de uma narrativa ainda sem a oralidade típica da textura das obras saramaguianas. O ritmo do enredo vem marcado pela sucessão de fatos, com registros de pontuação e discurso, como dois pontos e travessão para parágrafos em diálogo; pela menor intromissão do narrador e sem as suas longas digressões filosóficas. Entretanto, elas estão ali, nas conversas entre os personagens Silvestre, um sapateiro letrado, culto, engajado, e Abel, um jovem a procura de si mesmo. São debates sobre questões relacionadas ao trabalho, à vida social e à política. Também é importante a composição da categoria espaço, um prédio de apartamentos que abriga uma seara de personalidades, seus conflitos, miudezas e grandezas, emoldurado pelas relações de exploração no trabalho.

Adentrando nas páginas de *Objeto Quase*, de 1978 (SARAMAGO, 1986), encontramos a narrativa “Coisas”. Entre seus personagens, há os homens coisificados que reagem para assim não permanecerem e para impedirem que outros, ainda seres humanos, mas em processo de coisificação, se deem conta da metamorfose que neles é operada. Transformados em mercadorias, coisas, passam a exercer funções que lhes são estranhas, o que se metaforiza no conto pelo ser-porta, ser-sofá, ser-dinheiro etc. E a isso reagem: uma porta raspa propositalmente as costas da mão direita de um funcionário; um sofá aquece demais e assim expulsa quem o utiliza; um relógio resiste ao trabalho de marcar horas; degraus debandam de escadas; uma nota de dinheiro aperta o dedo do funcionário que vai colocá-la em um cofre... A revolução das coisas, enfim. Trata-se de exposição metafórica de uma categoria marxiana, o fetiche, que embasa a condição estética do conto e faz estremecer o pensamento do leitor, diante de que é desvendado o caráter misterioso da forma-mercadoria, que consiste

no fato de que ela reflete aos homens os caracteres sociais de seu próprio trabalho como caracteres objetivos dos próprios produtos do trabalho, como propriedades sociais que são naturais a essas coisas e, por isso, reflete também a relação social dos produtores com o trabalho total como uma relação social entre os objetos, existente à margem dos produtores (MARX, 2013, p. 147).

Quando os objetos reagem, desfazem de si mesmos essas propriedades “naturais”, de forma a não mais satisfazerem uma determinada necessidade social e, assim, quebrarem a ideia do elo do trabalho total imposto pelo capital. Página | 11

Vamos até *Levantado do Chão* (SARAMAGO, 1988), romance publicado em 1980, quando a conduta saramaguiana comunista se manifesta nitidamente. É a voz do povo que emana daquelas páginas épicas, cuja estética expõe o eterno domínio do latifúndio por meio da nomeação de personagens com sufixo repetido, ecoando um aparente *ad aeternum* “berto” em Lamberto, Norberto, Floriberto, Humberto, iguais na sua função de proprietário e explorador... Aparente *ad aeternum*, porque haverá um levantado do chão, os homens verdadeiramente da terra vão se insurgir contra o latifúndio, trabalhadores se unirão em sua força de explorados, com suas histórias particularizadas em seus nomes: os Mau-Tempo e suas singularidades individuais, Sara da Conceição, Faustina, Manuel Espada, José Gato e muitos outros, cada um que “vive o processo de conscientização, transita de certas concepções de mundo até outras, vive subjetivamente a trama de relações que compõe a base material de sua concepção de mundo” (IASI, 2011, p. 13), todos para chegarem ao exercício da luta de classes.

Façamos um outro pouso, agora em *História do cerco de Lisboa* (SARAMAGO, 1996). Seu protagonista, um revisor, atua mesmo como um revisor, em cujo exercício denuncia o perigo de uma única história. Faz isso por meio do acréscimo de um “não” que modifica o texto oficial e, assim, coloca em xeque o conceito de tempo histórico, jogando esteticamente com o tempo da narrativa, pluridimensionado por fatos e personagens medievais e contemporâneos que se alternam e se confundem. Temos aqui desenvolvido o conceito marxista de história total, que abarca todos os homens em suas ações, sentimentos e movimentos, como uma trama que tudo entrelaça, algo que põe em xeque uma única história. Assim, a referência de Marx por Saramago se solidifica quando a associamos à passagem do seu discurso *Da estátua à pedra*, em que ele declara:

[...] o que realmente me preocupa é o Passado, e sobretudo o destino da onda que se quebra na praia, a humanidade empurrada pelo tempo e que ao tempo sempre regressa, levando consigo, no refluxo, uma partitura, um quadro, um livro ou uma revolução (SARAMAGO, 2013, p. 27).

Assentemo-nos agora em *Ensaio sobre a cegueira* (SARAMAGO, 1995), e *Ensaio sobre a lucidez* (SARAMAGO, 2004). Essas obras magistrais têm sido meu objeto de reflexão mais amíúde. Tenho visto que

a moldura que as demarca são as relações sociais que emergem do modo de produção capitalista na contemporaneidade, encenado por uma situação de crise, uma peste, e por um movimento de desmascaramento da democracia burguesa, especificamente no que se refere ao seu tão cantado alicerce —o voto (LOPES, 2022, p. 21).

Reitero aqui meus estudos, retomando a ideia de que na trilha dessa visão de mundo marxista que toma como objeto o modo de produção capitalista, as obras são permeadas pelo movimento de análise e síntese. Em *Ensaio sobre a cegueira*, Saramago sai da totalidade da sociedade burguesa como se em busca de suas determinações. A realidade é narrada em *close*:

dominada por uma peste, a cegueira branca, parte dessa sociedade é colocada em uma camarata. Ali se reproduzem situações avessas e comuns na sociedade como um todo – sujeira, fome, poder e violência social e política, abandono, disputa, vilania, exploração, morte [...] Ali a voz narrativa expõe um universo de contradições, como a reação dialética de pequenos grupos, a exemplo das mulheres que, ao mesmo tempo em que endurecem ante a violência do patriarcado (encenado de forma a ser posto, com toda sua sordidez, em enquadramento), não perdem a ternura. Recolocados os personagens fora da camarata, voltando ao espaço anterior ao aprisionamento, portanto o de suas vidas costumeiras, as cenas passam a ser panorâmicas. Entretanto, o mundo anteriormente frequentado agora é encarado sob nova escala de visão. Da síntese obtida da camarata, das determinações ali levantadas, o autor-criador retorna ao concreto ampliado, à totalidade externa novamente (LOPES, 2022, p. 24).

Decorrente da primeira obra, *Ensaio sobre a lucidez* constitui nova análise da sociedade burguesa. Em busca de novas determinações, instauram-se os mesmos e outros desnudamentos, surgem outras mediações. O voto, instrumento máximo de participação e legitimação da democracia burguesa, tem dialeticamente exposta sua maior fragilidade, ou seja, a sua negação. Nessa análise dialética, o alvo é o poder político, sobre o qual é colocada nova lente. O Estado democrático de direito, reagindo à massiva votação em branco, produz o desvelamento da sua maior farsa, a legitimidade do voto, que o encena como espaço civilizado e civilizatório. Ao reagir, deixa à pele sua contradição, por meio de uma conjunção de discursos e ações antidemocráticos e, pior, de despudorada barbárie (LOPES, 2022, p. 26).

Essas pequenas considerações sobre algumas obras de Saramago ilustram sua contribuição para o mundo literário-político, um legado emocionante. Nas veias de todas elas, e poderia ter tratado aqui de qualquer outra obra do autor português, corre o sangue saramarxista. Em todas elas, seria possível colocar a epígrafe que ele escolheu para a obra *Objeto Quase*: “Se o homem é formado pelas circunstâncias, então é preciso formar as circunstâncias humanamente” (SARAMAGO, 1986, p. 11), citação retirada de *A sagrada família*, de Karl Marx, pois, em todas elas, cria enredos circunstanciados humanamente.

Por isso a obra de José Saramago ilustra os bens incompressíveis, dado os valores fundamentais que ele apregoa em tramas, personagens, tempos e espaços, alimento estético e político, contribuindo para a composição cosmológica do caos que a humanidade vive. Sem ilusões românticas sobre o papel transformador da literatura, ciente da paralisia de pensamento e ação em que a literatura se encontra, propõe que os escritores assumam um papel, o de comprometido como cidadão, que não abdica de sua ação cívica:

regressemos rapidamente ao Autor, à concreta figura de homem ou de mulher que está por trás dos livros, não para que ela ou ele nos digam como foi que escreveram as suas grandes ou pequenas obras (o mais certo é não o saberem eles próprios), não para que nos eduquem e instruem com as suas lições (que muitas vezes são os primeiros a não seguir), mas, simplesmente, para que nos digam quem são, na sociedade que somos, eles e nós, para que se mostrem como cidadãos deste presente, ainda que, como escritores, creiam estar trabalhando para o futuro (SARAMAGO, 2022, p. 101).

Essas palavras de Saramago em seu discurso “Sobre literatura, compromisso e transformação social” se costuram a outros discursos em que ele claramente se posiciona com relação à condição humana, à democracia, às ditaduras, à ética, ao seu país, à mulher, à morte, ao pensamento crítico, ao comunismo, à História, ao Tempo, a si mesmo. E estão confirmadas nas tecituras de suas obras, nas quais estão presentes esses mesmos temas, configurados esteticamente.

O homem Saramago não se separa de sua palavra, esse seu maior legado.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. *In*: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. São Paulo: Editora Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004, p.169-191.
- IASI, Mauro. Homenagem a Saramago (ou de flores, pessoas e palavras). **Revista Em Pauta**, v. 8, n. 26, dez. 2010.
- IASI, Mauro. **Ensaio sobre consciência e emancipação**. São Paulo: Expressão Popular, 2011.
- LOPES, Vera. O método marxista do materialismo histórico como instrumento estético saramaguiano. *In*: NOGUEIRA, Carlos. **José Saramago: a escrita infinita**. Lisboa: Tinta da China, 2022.
- MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: Boitempo, 2013.
- SARAMAGO, José. **Claraboia**. São Paulo: Cia das Letras, 2011.
- SARAMAGO, José. **Objeto Quase**. São Paulo: Cia das Letras, 1986.
- SARAMAGO, José. **Da estátua à pedra e Discursos de Estolcomo**. Belém: Ed.UFPA, 2013.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a lucidez**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.

SARAMAGO, José. **História do cerco de Lisboa**. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

SARAMAGO, José. **Levantado do chão**. São Paulo: Cia das Letras, 1988.

SARAMAGO, José. Sobre literatura, compromisso e transformação social. *In*: EDITORIAL Página | 14

AVANTE. **José Saramago, um escritor com seu povo**. Lisboa: Edições Avante!, 2022

SARAMAGO, LEITOR DE MARX: mudar o mundo com corações que sangram. Belo Horizonte: PUC Minas, 30 set. 2022. Publicado por II Jornada Saramago. Disponível em: <https://youtu.be/KydILbcn7cQ>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SCHNETZER, Alejandro García; VIEL, Ricardo (org.). **Saramago – Os Seus Nomes**: um álbum autobiográfico. Porto Editora; Lisboa: Fundação José Saramago, 2022.

SEREZA, Haroldo Ceravolo. Partido Comunista Português lembra papel de Saramago na Revolução dos Cravos. **Opera Mundi**: 18 jun. 2010. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/4625/partido-comunista-portugues-lembra-papel-de-saramago-na-revolucao-dos-cravos>. Acesso em: 20 nov. 2022.

SOUZA, Jerônimo. Escritor universal, intelectual de Abril, militante comunista. *In*: EDITORIAL AVANTE. **José Saramago, um escritor com seu povo**. Lisboa: Edições Avante!, 2022.

DOSSIÊ: LIÇÕES DE SARAMAGO

Nota Editorial

Página | 15

José Leite Jr.⁴
Universidade Federal do Ceará

Eis aqui as Lições de Saramago, com as quais a *Entrelaces* comemora o centenário de José Saramago. A presente edição reúne textos de perspectivas teóricas variadas, recebidas tanto de centros de pesquisa do exterior, oriundas de Portugal e da Itália, como do Brasil, vindas de Minas Gerais, Paraná, Rio de Janeiro e aqui do Ceará. Como prevíamos, quando se trata de Saramago, seja pela largueza humana de seu projeto literário, seja pela complexidade alcançada por seu discurso, as lições suscitariam ruptura de fronteiras epistemológicas e geográficas.

A primeira lição que recebemos representa um enlace interinstitucional, como se pode constatar na organização e apresentação deste dossiê. Trata-se da participação editorial de Vera Lopes, que coordena o *Grupo de Pesquisa Saramago, leitor de Marx*, da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Em seu texto de abertura, intitulado “Saramago: mestre na vida real e na construção estética”, ela faz uma reflexão sobre o percurso formativo de Saramago. Vera Lopes considera a grandeza do legado humanístico do homenageado, o que ganha ainda mais relevo se considerada a precariedade das condições materiais que enfrentou desde o berço – “uma criança da terra sem-terra; um estudante de liceu forçado a se preparar para o chão de fábrica”, no dizer da apresentadora –, até chegar ao amadurecimento de sua formação como trabalhador intelectual. Considerando-se que multiplicar o pouco é uma lição diária para as classes sociais oprimidas, o texto de Vera Lopes nos ensina que a palavra de Saramago, em contraponto à mesquinhez do sistema capitalista, mostrou-se abundante como um milagre e generosa como uma revolução.

Nesta edição, os textos recebidos foram organizados tanto pelo critério cronológico da obra literária apreciada como pelo assunto motivador da investigação.

⁴ Universidade Federal do Ceará – Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras e Proletras. leitejr@ufc.br

No artigo “Salazar esquartejado: as representações do ditador português a partir de contos e crônicas de José Saramago”, Daniel Vecchio, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, traz a lição da memória literária de resistência. Num tempo em que o velho fascismo parece querer renovar seu contrato anticivilizatório, diante dos escombros de um mundo exaurido pela experiência neoliberal, o artigo chama atenção para o conto “A cadeira”, em que Saramago faz as mais instigantes digressões literárias em torno da queda literal do ditador Salazar (ele caiu de uma cadeira, acidente que o levaria gradativamente à morte). Sabe-se que o salazarismo sobreviveu a Salazar e, mesmo após o 25 de Abril e passadas décadas da superação da ditadura, sabe-se que ainda há vozes que ameaçam juntar os cacos desse passado nefasto. Fica evidente que a desmontagem do mito fascista passa necessariamente por sua desconstrução simbólica, campo de batalha (de classes) em que o discurso literário saramaguiano é imbatível.

A diversidade de gêneros literários e a intertextualidade não faltaram nesta edição da *Entrelaces*, como atesta o artigo “Que se espalhe e se cante no universo, se tão sublime preço cabe em verso: a poesia de Camões e Pessoa segundo Saramago”, de Marcelo Franz, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná. Na lição de Marcelo Franz, o teatro e o romance de Saramago encontram-se na condição de poetas exilados de seus protagonistas, sendo um tirado do mundo real e outro do mundo poético. O primeiro é Camões; o segundo, Ricardo Reis. Nesse cotejo, o articulista, apoiando-se em Gérard Genette, investiga a intertextualidade, na escavação de camadas constitutivas do discurso de Saramago, particularmente quando pergunta sobre qual é o papel do poeta na sociedade.

Rompendo as fronteiras diatópicas, destaca-se o artigo “De Lisboa ao Sertão: os limiares da verdade e da ficção em *História do cerco de Lisboa e Grande sertão: veredas*”, de Matheus Silva Vieira, da Scuola Superiore Meridionale (SSM). Nessa lição, o articulista procura avaliar as relações entre história e ficção, com apoio teórico sobretudo de Paul Ricoeur e Marc Bloch. No questionamento sobre o “dizer verdadeiro”, confrontam-se duas perspectivas: a veracidade dos fatos históricos, colocada em dúvida pelo revisor Raimundo Silva; e a memória ficcional de Riobaldo Tatarana, que se lança no labirinto narrativo de suas aventuras. Na tensão entre a memória e o esquecimento, o artigo mostra evidências de que o valor de verdade é colocado em disputa na realização do discurso. Como diz o articulista: “A verdade é suscetível à ficção.” Em tempos de “pós-verdade”, está aí uma oportuna lição.

O interesse de Saramago pela religião foi contemplado com dois trabalhos. Um deles vem de Portugal, intitulado-se “*O evangelho segundo Jesus Cristo: um exemplo de subversão à Sagrada Escritura*”, da autoria de Francisco Daniel Monteiro, da Universidade de Coimbra. Confrontando a escrita canônica com a interpretação ficcional, apoiando-se teoricamente em nomes como o de Jean-François Lyotard, Linda Hutcheon, Carlos Reis. O artigo explora o núcleo polêmico do romance, que traz na figura divina traços disfóricos, identificáveis com o do opressor, em oposição ao perfil de Jesus Cristo, representativo do oprimido injustiçado. O estudo chama atenção para o viés misógino da tradição religiosa, em contraste com a relação entre Jesus e Madalena. Se o texto sagrado traz a verdade pressuposta, na reelaboração de Saramago a verdade, por ser suposta, passa pelo reexame literário, num convite a um fazer interpretativo crítico, alternativo ao dogmático.

O outro artigo voltado para o mesmo romance é daqui mesmo, do Ceará, com o título de “A figura humana de Jesus Cristo na obra *O evangelho segundo Jesus Cristo*, de José Saramago”, com a coautoria de Francisco Lucelio Marques, da Faculdade Plus Educação, e de Rafael Martins Nogueira, da Universidade Federal do Ceará. Nessa abordagem, que pode ser identificada como metaficcional, examina-se o lado humano de Jesus, na condição trágica de filho a ser sacrificado pela vontade paterna. A lição que fica é de um Saramago que advoga em favor da condição existencial digna, defendida incondicionalmente pelas razões que nos particularizam e nos universalizam como seres humanos.

Para além da semiótica das palavras, recebemos o artigo “Saramago vai ao cinema: o processo narrativo adaptado de *Ensaio sobre a cegueira*”, de Luiz Rogério Camargo, da FAE – Centro Universitário, do Paraná. Além das abordagens intertextuais já referidas, temos a abordagem intersemiótica nesse trabalho que estuda a recriação cinematográfica feita por Fernando Meirelles de um das mais impactantes distopias saramaguianas. Tomando como apoio teórico propostas de nomes como Julie Sanders e Linda Hutcheon, o artigo acompanha soluções dadas pelo cineasta brasileiro, constituindo uma narração cinematográfica a partir de três enunciações: a do narrador externo (diretor), a da mulher do médico (olhar) e do velho da venda preta (voz). O resultado da proposta de Meirelles, aprovada com emoção pelo próprio Saramago, se traduz como lição, ao “ensinar a ver àquele que sabe olhar e, ao que olha, a difícil arte de reparar”, nas palavras do articulista.

Além dos artigos, recebemos a resenha “O nome e o rosto da resistência montemorense em *Levantado do Chão*”, que reitera a generosa colaboração do acima mencionado pesquisador Daniel Vecchio. Mais que uma resenha, podemos assegurar que recebemos também uma reportagem, pela capacidade do resenhista de transportar a leitura para o ambiente em que o quinto número da revista *Almanson* foi produzido, no âmbito dos eventos alusivos ao centenário de José Saramago. Nesse número comemorativo do periódico português, “seus autores tecerem uma homenagem crítica e estudiosa à resistência alentejana a que se pretende dar nome e rosto no romance de José Saramago”, como testemunha o pesquisador. Sim, porque os artigos convergem para *Levantado do chão*, romance que se passa na região onde esse valoroso periódico tem sido cultivado. E como a *Entrelaces* fecha suas páginas com esse convite de abertura das páginas da *Almanson*, só podemos concluir que, num efeito que lembra o “mise en abyme”, estas lições levam a outras lições, todas elas convergentes para o legado saramaguiano.

Se, como aparece na chamada para este dossiê, “A lição de Saramago é um convite aos que olham, mas não veem, ou que, vendo o espetáculo do mundo, permanecem na conveniência contemplativa”, queremos crer que o Programa de Pós-Graduação em Letras da UFC, através da *Entrelaces*, soube comemorar o centenário do autor com um encontro em que mestres se fazem discípulos, assim como o homenageado foi aprendiz de suas personagens, como revelou Saramago ao receber o Prêmio Nobel de Literatura de 1998.

Nossa gratidão pela generosa participação com os trabalhos enviados, pelo apoio de nossa equipe editorial e pelo voto de confiança institucional de nosso colegiado. Graças ao entrelaçamento desses esforços é que podemos ler e compartilhar estas preciosas lições.